

UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA ENTRE AS VARIEDADES DO ESPANHOL CARIBENHO E NÃO CARIBENHO E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Albert da Cruz Ribeiro¹

Resumo. O texto trabalha com questões linguísticas relacionadas à língua espanhola. Observa-se que o espanhol peninsular (europeu) e o espanhol de América não admitem a realização de sujeito pré-verbal em orações infinitivas, como em, por exemplo, **Compré leche para mi mamá hacer el pastel*, por essa língua não possuir flexão de infinitivo. O espanhol caribenho (EC), por outro lado, admite construções com sujeitos antepostos a uma oração não finita (mesmo sem flexão verbal de número e pessoa), como em, por exemplo, *Ven acá para nosotros verte* (TORIBIO, 2000). Sabendo, portanto, das variações linguísticas presentes no EC, que se configura como uma variedade distinta das demais variedades do espanhol, este trabalho tem a finalidade de refletir e discutir a variação entre as variedades do espanhol (caribenho e não caribenho) e o processo de ensino-aprendizagem dessa língua estrangeira. Apresenta-se, para tanto, discussões relativas ao processo de aquisição da linguagem (L1) sob a luz da gramática gerativa (CHOMSKY, 1965), a fim de observar e refletir sobre a variação no espanhol dentro da teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995).

Palavras-chave: Espanhol caribenho; Variação; Orações não finitas; Gramática Gerativa; Ensino-aprendizagem.

Resumen. Una breve discusión sobre la variación lingüística entre las variedades del español caribeño y no caribeño y el proceso de enseñanza-aprendizaje. El texto trabaja con cuestiones lingüísticas relacionadas a la lengua española. Se observa que el español peninsular (europeo) y el español de América no admiten la realización de sujeto preverbal en oraciones infinitivas, como en, por ejemplo, **Compré leche para mi mamá hacer el pastel*, una vez que esa lengua no posee flexión de infinitivo. El español caribeño (EC), por otro lado, admite construcciones con sujetos antepuestos a una oración no finita (aunque sin flexión verbal de número y persona), como en, por ejemplo, *Ven acá para nosotros verte* (TORIBIO, 2000). Sabiendo, por tanto, de las variaciones lingüísticas presentes en el EC, que se configura como una variedad distinta de las demás variedades del español, este trabajo tiene la finalidad de reflexionar y discutir la variación entre las variedades del español (caribeño y no caribeño) y el proceso de enseñanza-aprendizaje de esa lengua extrajera. Se presenta, por lo tanto, discusiones relativas al proceso de adquisición del lenguaje (L1) bajo la luz de la gramática generativa (CHOMSKY, 1965), a fin de observar y reflexionar sobre la variación en el español dentro de la teoría de Principios y Parámetros (CHOMSKY, 1995).

Palabras clave: Español caribeño; Variación; Oraciones no finitas; Gramática generativa. Enseñanza-aprendizaje.

Abstract. A brief discussion on linguistic variation between Caribbean Spanish and non-Caribbean varieties of Spanish and the teaching-learning process. The text works with linguistic issues related to the Spanish language. It is observed that Peninsular (European) Spanish and Spanish of America do not allow pre-verbal subjects in infinitive clauses, as in, for example, **Compré leche para mi mamá hacer el pastel*, because this language does not have an infinitive inflection. Caribbean Spanish (EC), on the other hand, allows constructions with subjects before a non-finite clause (even without number and person inflection), as in, for example, *Ven acá para nosotros verte* (TORIBIO, 2000). Therefore, knowing the linguistic variations present in EC, which is a variety distinct from the other varieties of Spanish, this work aims at discussing the variation among the varieties of Spanish

¹ Mestre em Linguística Histórica pelo Programa de Língua e Cultura do Programa de Pós-Graduação de Letras da Universidade Federal da Bahia; Doutorando em Linguística na UFBA/PPGLinC; Licenciado e Bacharel em Letras - Espanhol (UFBA). E-mail: ribeiro.albert@hotmail.com.

(Caribbean and non-Caribbean) and the teaching-learning process of this foreign language. To do so, it presents discussions on the process of language acquisition (L1) in the light of generative grammar (CHOMSKY, 1965) in order to observe and reflect on variation in Spanish within the theory of Principles and Parameters (CHOMSKY, 1995).

Keywords: Caribbean Spanish; Variation; Non-finite clauses; Generative Grammar. Teaching-learning;

1 Introdução

O português é uma língua que possui infinitivo flexionado (morfemas de concordância), permitindo sentenças com sujeito pré-verbal em uma oração não finita como, em (1), abaixo:

- (1) A Maria viu *os amigos* rirem.

(MIOTO; FIGUEIREDO SILVA; LOPES, 2007, p. 184)

A sentença, em (1), é possível em português (brasileiro e europeu) porque essa língua dispõe de infinitivo flexionável, isto é, de morfema de concordância que licencia o sujeito (Caso Nominativo) *os amigos* diante de um verbo no infinitivo. Outras línguas não são capazes de licenciar o Caso² nominativo nessa situação, por não possuir marcas de flexão em seu infinitivo.

O espanhol, por exemplo, é uma língua que não possui infinitivo flexionado. Assim, uma oração como em (2) é agramatical:

- (2) *Compré leche para *mi mamá* hacer el pastel.

A agramaticalidade se dá, em (2), porque o sujeito *mi mamá* está anteposto a uma oração não finita que não apresenta nenhum traço de flexão.

Por a língua espanhola não dispor de flexão de infinitivo, a gramaticalidade da sentença se dá quando o sujeito aparece posposto ao verbo não finito, como exemplificado, em (3), abaixo:

- (3) a. De ganar *ellos* los felicitaremos.
b. *De *ellos* ganar los felicitaremos.

(ZAGONA, 1999, p. 42)

No entanto, observa-se que no espanhol caribenho (EC) é comum encontrar orações com cláusulas não finitas com sujeitos pré-verbais, como observamos em (4)³:

² Grafo Caso com maiúscula para fazer alusão ao Caso Abstrato.

³ Neste trabalho utilizo dois termos a mais para a língua espanhola: espanhol não caribenho e espanhol caribenho. Sabendo-se que, por espanhol não caribenho (doravante ENC), me refiro às variedades fora do Caribe. Isto, pois, na literatura há muitas nomenclaturas (Espanhol Geral; Espanhol Standard; Espanhol Latino-Americano Standard etc.) voltadas à língua espanhola e muitas discussões no âmbito político sobre estas. Portanto, a fim de explicitar a existência de outra variedade da língua espanhola que é pouco difundida (em comparação às outras variedades), resolvi adotar esses dois termos.

- (4) a. Ven acá para *nosotros* verte.
b. Me gusta la forma de *ellos* hablar.

(TORIBIO, 2000, p. 323)

À vista disso, este trabalho segue à luz da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995), em que apresento uma breve revisão das teorias que norteiam a aquisição da linguagem (L1)⁴, a fim de discutir as relações entre as variações (diferenças) no espanhol e o processo de ensino-aprendizagem dessa língua estrangeira.

Este trabalho apresenta e contrasta evidências de países hispânicos sobre alguns fenômenos linguísticos encontrados no espanhol do Caribe. Aqui, darei ênfase para a realização do sujeito pré-verbal em orações não finitas, a fim de fomentar a discussão sobre esse fenômeno sintático encontrado no EC que o distingue de outras variedades do espanhol. Para além das repercussões no âmbito da descrição e análise linguística, o trabalho ampliará o conhecimento no Brasil sobre a variação do espanhol, permitindo um processo de ensino da língua descentralizado da Europa, o que vai de acordo com as políticas nacionais para o ensino de língua espanhola em perspectiva intercultural.

O texto é organizado como se segue. Na primeira parte, serão discutidas questões relacionadas ao espanhol de América e o espanhol do Caribe, especificamente sobre a diversidade linguística entre essas duas variedades, uma vez que se faz necessário explicitar a heterogeneidade da língua espanhola. Na segunda parte, serão discutidas questões relativas ao processo de aquisição da L1 dentro de uma visão gerativista. Na perspectiva da Gramática Gerativa, o conceito de língua está voltado para a mente do falante, é o conhecimento internalizado que o indivíduo tem de sua língua, e está enraizado em sua mente. Nessa concepção, a criança nasce com uma gramática internalizada, uma Faculdade da Linguagem (CHOMSKY, 1986), que a capacita a adquirir qualquer língua natural, com a interação dos dados linguísticos primários em sua comunidade linguística. Na terceira parte, serão discutidas questões voltadas ao sujeito pré-verbal de infinitivo, fenômeno linguístico, encontrados no espanhol do Caribe. E, por fim, questões relacionadas à importância do conhecimento da diversidade linguística de uma língua, como reconhecimento de sua heterogeneidade, pensando no processo de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras. Nesse ponto, discutirei sobre a concepção de língua, voltada para o falante, para a comunidade, para sua diversidade, a fim de refletir sobre o ensino de língua(s) em sala de aula, especificamente sobre o conceito de *gramática*, como um conhecimento internalizado.

⁴ Aquisição de língua materna. Ver Chomsky (1995) para maiores aprofundamentos na temática.

2 O espanhol de América e o espanhol do Caribe

O espanhol de América recebeu contribuições linguísticas e culturais dos quatro continentes. Conforme Lipski (1996), essas contribuições advieram de herança patrimonial europeia, do contato com a população indígena dos continentes americanos e, sobretudo, do contato com as línguas de povos africanos que estavam presentes, como escravos, na América Latina, em período colonial. Na América Hispânica, a presença africana durou quase 400 anos e impactou permanentemente os meios artísticos, culturais de muitas zonas, como também a língua (LIPSKI, 1996).

De acordo com Fontanella de Weinberg (1993), por espanhol americano se entende uma entidade que pode ser definida geograficamente e historicamente. É o conjunto de variedades dialetais do espanhol faladas na América, que compartilham uma história comum, por tratar-se de uma língua transplantada a partir de um processo de conquista e colonização do território americano.

Sobre isso, Lope Blanch (1989) salienta que:

La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias -léxicas, fonética y, en menor grado, morfosintácticas- que esmalzan el uso en unas y otras. Diferencias que se producen entre todos esos veinte países, sin permitirnos establecer dos grandes modalidades bien contrastadas -española y americana- por cuanto que, además, existe mayor afinidad entre algunas modalidades americanas y españolas que entre ciertas modalidades hispanoamericanas entre sí. (LOPE BLANCH, 1989, p. 29)

Fontanella de Weinberg (1993), em conformidade com Lope Blanch (1989), acrescenta que:

[...] en una visión panorámica de los posibles rasgos característicos del habla americana, sólo podemos considerar unos pocos rasgos morfosintácticos como exclusivos -aunque no generales- del español americano frente al peninsular, entre los que se destacan el voseo y el uso peculiar de la preposición *hasta* con valor temporal restrictivo en determinadas regiones americanas. En lo fonológico hay un rasgo general a todo el español americano -el seseo- que es compartido también por el español del sur de España y de Canarias. [...] Con respecto al léxico, el español americano presenta amplias diferencias, tanto con respecto al español peninsular como entre las diferentes regiones americanas entre sí. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 15)

A autora ressalta que essas diferenças são perfeitamente esperáveis em uma língua de ampla extensão territorial e falada em mais de vinte países, como o espanhol.

A língua espanhola, sendo língua oficial de 21 países distribuídos entre Europa e América, não deve ser considerada como zona linguística única, já que as variações do domínio hispânico e suas diferenças estruturais vão além do léxico e da fonologia, aparecendo também no âmbito da sintaxe. Muitos estudiosos discutiram/discutem sobre a grande variação do

espanhol da América. Henríquez Ureña (1921)⁵, por exemplo, já mostrava que o espanhol da América não se tratava de uma modalidade dialectal, senão de uma entidade multiforme e variada.

De acordo com Lipski (1996), pouco se comenta sobre o contato linguístico dos povos africanos como parte da evolução do espanhol de América:

Las tendencias postcoloniales en favor de la población blanca, tanto desde el punto de vista democrático, como a través del revisionismo histórico, han seguido impidiendo la evolución de la repercusión lingüística que han tenido los africanos en Hispanoamérica. (LIPSKI, 1996, p. 110)

Lipski (1996) ainda ressalta que atualmente não há nenhuma zona da América Hispânica onde exista um “espanhol negro” etnolinguisticamente identificável, em comparação ao inglês negro dos Estados Unidos. Conforme o autor, essa realidade advém das crenças populares de muitos países, onde os membros da elite urbana afirmam que os afro-americanos falam uma variedade distinta do espanhol. E, sobre isso, o autor problematiza:

Lo que sí hay es una fuerte correlación entre marginación sociolingüística y etnicidad, de manera que los hablantes de origen africano están desproporcionadamente representados en los estratos socioeconómicos más bajos. Esta distribución, junto con el mero prejuicio racial, es el responsable de las persistentes afirmaciones sobre la existencia de dialectos “negros” del español. (LIPSKI, 1996, p. 148)

Henríquez Ureña (1940) foi um dos primeiros estudiosos que observou alguns dos fenômenos linguísticos no espanhol caribenho (EC), sobretudo o sujeito pré-verbal em orações infinitivas, especificamente em Santo Domingos. Posteriormente, Lipisk (1996) elencou as principais variações encontradas no espanhol americano, evidenciando a unâmive presençā do sujeito pré-verbal de infinitivo em terras caribenhas. Toribio (2000) apresentou um estudo sincrónico sobre a variação dialectal do espanhol da República Dominicana, mostrando o sujeito pré-verbal em orações não finitas no EC. Vandermeulen (2011) também observou a presença do sujeito de infinitivo em Porto Rico e Venezuela. Gutiérrez Maté (2013) constatou a presença do sujeito pré-verbal nas orações não finitas do EC. Civitello (2014) evidenciou a presença do sujeito pré-verbal de infinitivo. Mais recentemente, Ribeiro (2019) analisou a realização do sujeito pré-verbal em orações não finitas no EC, especificamente em Cuba e Venezuela.

⁵ Apesar de Henríquez Ureña (1921) ter sido o primeiro a identificar o espanhol de América como uma modalidade dialectal multiforme, sua proposta recebeu diversas críticas. Rona (1964), Fontanella de Weinberg (1993) e Stanley (2016) argumentam que na época em que Henríquez Ureña (1921) escreveu seu artigo não se tinha suficiente informação sobre as diferentes variedades do espanhol, o que reflete no caráter incompleto e provisório da classificação das zonas dialectais do espanhol de América que propôs Henríquez Ureña (1921).

3 A capacidade humana para a linguagem

Até a primeira metade do século XX, prevaleceu a ideia de que a linguagem humana era algo socialmente constituído, adquirido e compartilhado. A partir da década de 1950, com os trabalhos do linguista norte-americano Noam Chomsky (1957, 1965) há uma nova perspectiva para o estudo da linguagem. A linguagem é também considerada como uma parte do mundo natural. E, por consequência, a capacidade linguística é encarada como um *órgão mental* na base teórica da Gramática Gerativa.

Atualmente, o conceito de *base biológica* está bem mais que afirmado, com hipóteses bem fundamentadas que podem ser submetidas a testes empíricos. Ao adotar, então, esse ponto de vista, encarou-se a capacidade linguística como um órgão físico do corpo. Adquirir, por conseguinte, uma língua é mais uma questão de maturação e desenvolvimento de um “órgão” mental biológico do que uma questão de aprendizagem. Essa visão que a corrente gerativista assume é voltada ao cognitivo/mente, denominando-se *mentalista*.

Chomsky (1997) ressalta que:

A faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como “um órgão lingüístico” no mesmo sentido em que na ciência se fala como órgão do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é a parte de uma estrutura mais complexa. (CHOMSKY, 1997, p. 2)

É com esse sentido que o autor postula que a criança, ao nascer, tem consigo um *órgão biológico*, que amadurece como qualquer outro órgão. E o resultado dessa maturação é a gramática final, que caracteriza os conhecimentos linguísticos do falante adulto.

De acordo Chomsky (1972), a aquisição da linguagem é uma habilidade que todos os seres humanos possuem, independentemente de sua inteligência geral. O autor ainda complementa que a aparente uniformidade nos tipos de gramática desenvolvidos por diferentes falantes da mesma língua sugere que as crianças têm orientação genética na tarefa de construir uma gramática de sua língua nativa.

Uma criança com pouco menos de três anos de idade já apresenta a aquisição da maioria das flexões verbais e construções gramaticais básicas, sendo capaz de produzir frases, como “O que a mamãe está fazendo?”. No entanto, conforme o Chomsky (1972), o que torna a uniformidade e a rapidez da aquisição ainda mais notável é o fato de que a experiência linguística da criança é muitas vezes imperfeita, uma vez que é baseada no desempenho linguístico dos falantes adultos. Assim, a grande parte do *input*, que são os Dados Linguísticos Primários (PLD, do inglês, *Primary Language Data*)⁶ que a criança recebe é degenerada,

⁶ Isto é, os dados linguísticos primários aos quais a criança é exposta no processo de aquisição da linguagem.

contudo, ainda assim, ela consegue desenvolver uma gramática que especifica como formar sentenças gramaticais. Chomsky (1972) ainda ressalta que a aquisição da linguagem é uma atividade interiormente subconsciente e involuntária, ou seja, a criança não pode escolher se quer ou não adquirir sua língua nativa. É algo que acontece, sendo involuntário e inato, e essa capacidade de aquisição parte de nossa herança genética.

O inatismo é uma das respostas científicas ao chamado problema de Platão, que consiste em questionar a capacidade humana de adquirir conhecimento, seja ele qual for (CHOMSKY, 1986). No caso do conhecimento linguístico, o que se questiona é: como pode uma criança, após poucos anos de contato com a língua do seu ambiente, ser capaz de adquirir um conhecimento linguístico sem ser submetida a um treinamento intensivo explícito e possuindo um sistema neurológico ainda em formação? Por que, aparentemente, só humanos conseguem adquirir competência linguística? Por que outros animais não conseguem?

Chomsky (1986), por conseguinte, formula dois argumentos para a pergunta de como se adquire o conhecimento linguístico: o argumento da pobreza de estímulo e o problema lógico da aquisição da linguagem, considerando que somente ter contato com os estímulos linguísticos em interações socioculturais é insuficiente para o desenvolvimento de um conhecimento linguístico sobre sintaxe, semântica, pragmática, léxico ou morfologia de uma língua natural. O problema lógico da aquisição da linguagem questiona, então, a capacidade da criança de ser exposta a estímulos finitos, ainda que ricos e diversificados, por um período finito, e poder produzir sentenças infinitas para além dos padrões ofertados nos exemplos finitos. Já o argumento da pobreza de estímulo sustenta que o conhecimento elaborado, que a criança compõe sobre a estrutura da sua língua, não pode ser deduzido unicamente das informações contidas nos estímulos linguísticos do ambiente, ainda que sejam ricas.

Desde essa ótica, os estímulos são considerados pobres por não possuírem todas as informações necessárias para a aquisição do conhecimento linguístico, tendo a criança que deduzir por conta própria uma quantidade enorme de informações. Assim, a criança nasce com a capacidade para a aquisição da linguagem e esta acontece de forma progressiva em interação com os PLDs. Ou seja, a capacidade nasce com o indivíduo, sendo a aquisição da língua materna o amadurecimento dessa capacidade em relação à língua.

Chomsky (1995) apresenta, de forma mais consolidada, o conceito de Gramática Universal (GU) para fazer referência à dotação biológica que a espécie humana possui para a aquisição da linguagem. Conforme o autor, a GU deve ser vista e entendida como o estado inicial da Faculdade da Linguagem (FL) geneticamente determinado. Assim, postula-se que a aquisição de uma determinada língua é feita pela interação da GU com os PLDs (o *input*), gerando uma gramática particular. Em termos mais técnicos, diz-se que o estado inicial da Faculdade da Linguagem (FL_0) desenvolve-se até atingir um estado final (FL_1), mais ou menos

estável, não sujeito a modificações posteriores exceto no que respeita a ganhos e perdas de itens lexicais. O esquema, em (5), ilustra:

$$(5) \text{ Língua X (input)} \rightarrow \text{FL}_o \text{ GU} \rightarrow \text{Gramática da língua X}$$

Observa-se, em (5), que a criança ao estar exposta a uma determinada língua X, irá filtrar os dados aos quais está exposta, gerando, assim, uma gramática semelhante à gramática da comunidade com a qual teve contato.

Segundo Chomsky (1995), cada língua será discernida e concretizada através de Parâmetros correspondentes a sua estrutura, podendo estes variar entre línguas, e com Princípios invariáveis. As várias fases de um componente linguístico durante o desenvolvimento chamam-se de *língua-I* (língua interna e individual do sujeito). A GU, em seu estado final, incorpora uma língua-I final, como em (5), que permite que o indivíduo possa compreender, ter intuições, produzir um número infinito de expressões e, sobretudo, usá-las para várias finalidades.

A GU, então, é compreendida como o estado inicial que constitui um aparato inerente à espécie que permite a qualquer ser humano reconhecer e adquirir uma língua. Conforme Chomsky (1995), a GU possui os Princípios da linguagem, enquanto os Parâmetros devem ser ativados no curso da aquisição da linguagem, de acordo com a experiência da criança com a língua de seu ambiente. Por *Princípio* entende-se um fator linguístico universal (presente em todas as línguas naturais) e inviolável. Por sua vez, por *Parâmetros* entende-se um fator linguístico particular e restritivo para algumas línguas. Assim, dentro da teoria de *Princípios* e *Parâmetros*, um exemplo de Princípio é o *Princípio da Projeção Extendida* (EPP), que diz que todas as línguas humanas dispõem de uma posição de sujeito. A sua realização em uma oração, por outro lado, dar-se-ia conforme a gramática⁷ particular de cada língua.

Dessa forma, os Parâmetros podem ser marcados ou não marcados de acordo com o ambiente em que se encontram. Por sua vez, a marcação dar-se-á de acordo com os estímulos de uma dada língua, é dizer: se uma criança, na aquisição da linguagem, está em um ambiente em que se fala o português que é uma língua caracterizada por ser [+ sujeito nulo], que permite a omissão do sujeito, ela provavelmente fixará o parâmetro de sujeito nulo, o que seria diferente se a língua do ambiente da criança fosse o inglês que não permite a omissão do sujeito, conforme os exemplos, em (6), abaixo:

- (6) a. **Eu** vou à praia.
b. __Vou à praia.

⁷ O termo *gramática* é empregado no sentido de língua-I (o sistema, a gramática internalizada do falante), com base na GU (CHOMSKY, 1986).

- c. I go to the beach
d.* __ Go to the beach

Em (6a,b) vemos construções que são gramaticais no português, uma vez que esta língua permite a expressão e omissão do sujeito pronominal “eu”. Por sua vez, em orações do inglês, em (6c,d), vemos que somente (6c) é grammatical, sendo (6d) uma oração agramatical (aqui representada pela presença do asterisco).

Esses exemplos mostram um pouco acerca da configuração da GU e sua interação com as línguas humanas naturais. Neste modelo teórico é possível explicar as variações presentes em uma língua, como também refletir sobre elas.

4 O sujeito pré-verbal de infinitivo no espanhol caribenho

Ribeiro (2019) apresenta dados do *Corpus PRESEEA*⁸(*Proyecto para El Estudio Sociolingüístico del Español de España y de América*) sobre a realização do sujeito pré-verbal em orações não finitas no espanhol do Caribe, que podem ser visualizados abaixo, em (7), referente às capitais de Cuba (codificado como HAVA) e Venezuela (codificado como HAVA):

(7) a. [...] la carretera no era buena hasta la Ochenta y Ocho [...] que es para uno empezar a subir la montaña (CARA 02, PRESEEA)

b. [...] No mejor preparación porque los profesores están preparados porque son maestros, pero sino los medios para ellos poder enseñar (HAVA 02, PRESEEA)

c. [...] fui con el papelito a la farmacia, y me dieron medicamento como para dos meses sin yo pagar ni un bolívar (CARA 07, PRESEEA)

(RIBEIRO, 2019, p.108)

Ribeiro (2019) discute que o espanhol caribenho (EC) apresenta estruturas sintáticas distintas de outras variedades do espanhol. O ponto central dessa discussão é considerar a variação particular presente no EC. O falante nativo do EC possui uma gramática internalizada que lhe permite construir sentenças como as de (7), o que não acontece com falantes de variedades não caribenhos, onde essas construções são agramaticais (não produzidas pelos falantes). Assim, não devemos colocar o espanhol em um só pacote, considerando todas as variedades como única, como unidade homogênea. Conforme Pinto (2009):

Además se dice que todos los hispanohablantes pueden comunicarse sin dificultades con cualquier otro hispanohablante de cualquier otra zona dialectal. Me parece, respecto de ese tema, que se está confundiendo *comunicabilidad* con *diversidad*

⁸PRESEEA é um projeto para a criação de um *corpus* de língua espanhola falada no mundo hispânico em sua variedade geográfica e social.

lingüística. Aunque los caribeños y los demás hispánicos se comuniquen perfectamente, no es lo mismo decir “¿qué túquieres?”, “tú, ¿quéquieres?” o “¿quéquieres tú?”. (PINTO, 2009, p. 62)

Pinto (2009), com essa colocação, acaba ressaltando a heterogeneidade da língua espanhola. E, por conseguinte, mostrando que muitos desses fenômenos linguísticos (ainda que não afetem a comunicação entre os indivíduos hispânicos) são restritos e fazem parte da língua de uma determinada região de fala hispânica. Isto é, não faz parte da língua-I de todos os hispanofalantes (CHOMSKY, 1986).

Não podemos, portanto, confundir “comunicabilidade” com “diversidade”, como aponta Pinto (2009). Muitas das vezes esses conceitos são tratados como sinônimos, devido à perspectiva que se tem sobre o conceito de “língua”, isto é, em que o foco não está na gramática internalizada do falante, e sim nos fatores sociais. Nessa perspectiva, situam-se os estruturalistas que acreditam que o conceito de *língua* está voltado para o social e que, consequentemente, a linguagem é algo socialmente constituído, adquirido e compartilhado.

Não queremos, com isso, dizer que um lado está errado e o outro está certo, até porque esses conceitos de “certo” e “errado” não são adotados no gerativismo. A discussão aqui vai além: é olhar para o outro lado da moeda, a fim de contribuir para outros olhares acerca do funcionamento da linguagem e suas repercussões no processo de ensino-aprendizagem de uma determinada língua.

5 Que espanhol ensinar?

Diante da rica variedade linguística da língua espanhola, falada em mais de 21 países, a pergunta que costuma surgir é “Que espanhol ensinar?”. Como resposta, apresento a recente proposta de Pinto (2020):

[...] mi propuesta es la de que haya espacio para que la enseñanza del español en Brasil cumpla sus reales objetivos (lo que, en realidad, la justifica) de integración regional. Para ello, no basta con enseñar español. Se hace necesario que las culturas y las variedades lingüísticas de Latinoamérica tengan el protagonismo que se merecen en las clases de español en Brasil. (PINTO, 2020, p.212)

Nós, professores/pesquisadores, devemos ensinar aos nossos alunos todas as variedades do espanhol, dando protagonismo, sobretudo, ao espanhol da América que está em nosso entorno. Não podemos nos restringir ao ensino de uma única variedade do espanhol, quase sempre ao ensino baseado no espanhol peninsular, como se tratasse de uma língua homogênea. Devemos, sim, expandir nosso conhecimento a respeito do espanhol para, consequentemente, sair das dimensões dos livros didáticos (muitas vezes engessados) e promover um ensino do espanhol descentralizado para os alunos.

Dessa forma, a fomentar desde o princípio a visão crítica do aluno, mostrando que quando se trata de linguagem há múltiplos pontos de vista. E, no que tange a língua espanhola, ressaltar a rica variação dialectal presente nessa língua, de forma a permitir que o aluno possa conhecer as variedades linguísticas do espanhol e refletir sobre elas. Segundo essa vertente, os princípios teóricos do gerativismo vão possibilitar ao professor uma complementação de reflexões teóricas, fornecendo mais instrumentos para o processo de ensino-aprendizagem.

Existe a “competência linguística” e “consciência linguística”: dois conceitos essenciais. O primeiro, a “competência” diz respeito à gramática (língua-I) do falante nativo, ou seja, a gramática interna que a criança adquire após o processo da aquisição da linguagem. Essa competência linguística nos possibilita criar sentenças, compreendê-las e ter intuições sobre elas. E isso nada tem a ver com o processo da escolarização. Afinal, a criança quando vai à escola já traz consigo sua gramática internalizada. Ela, por exemplo, já produz frases como “a mamãe”, com o artigo antes do substantivo, e não “*mamãe a”. Da mesma forma, o analfabeto se comunica em sua língua materna, por justamente ter adquirido essa gramática interna no processo da aquisição da L1. O segundo conceito, “a consciência linguística”, é o conhecimento linguístico que o falante tem sobre o funcionamento de sua língua materna. Este conhecimento nos possibilita conhecer e compreender o funcionamento de nossa língua, como, também, refletir sobre as demais línguas.

Portanto, devemos fomentar a consciência linguística dos alunos, a fim de fazê-los compreender o real sentido de se estudar a estrutura de uma determinada língua: para conhecê-la como um todo. Com isso, fomentando o ensino do espanhol em perspectiva intercultural, contrastando não somente espanhol europeu com o espanhol americano, mas com outras variedades do espanhol, como para as variedades do espanhol caribenho. Devemos olhar para o espanhol do Caribe!

6 Considerações finais

Este trabalho explicita a grande diversidade linguística presente no espanhol caribenho, como os sujeitos pré-verbais em orações infinitivas presentes em zonas caribenhias. Para além das discussões dos fenômenos linguísticos, comprehende-se que não existe um só espanhol a ser ensinado, e sim vários. Compreende-se que é preciso disseminar e/ou continuar disseminando a heterogeneidade dessa língua estrangeira. Além, é claro, de explicitar os fenômenos linguísticos presentes no espanhol do Caribe, que se configura por si só como uma variedade distinta às demais variedades do espanhol, no processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalho não representa um cerre sobre as discussões relativas à língua espanhola, sobretudo aos fenômenos linguísticos presentes no espanhol do Caribe. Acredito que este material servirá para trabalhos futuros e que, consequentemente, a discussão sobre a língua espanhola se ampliará, de forma a agregar ao processo de ensino-aprendizagem dessa língua estrangeira.

Referências

- CIVITELLO, A. L. **Variación microdialectal**: el orden de palabras en el español cubano. Tesis de maestría, Universidad de Puerto Rico, 2014.
- CHOMSKY, N. Novos Horizontes no Estudo da Linguagem. **DELTA** [online]. 1997, vol.13, p. 51-74.
- _____. **The Minimalist Program**. Cambrige: Mass, MIT Press, 1995. Tradução de Eduardo Raposo; O Programa Minimalista. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.
- _____. **Language and Mind**. Harcourt Brace Jovanovich, New York, 1972.
- _____. **Knowledge of language**: its nature, origin and use. New York: Praeger, 1986.
- _____. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge, MA: MIT Press, 1965.
- FONTANELLA DE WEINBERG, M. B. **El español de América**. Madrid. Mapfre, 1992.
- GUTIÉRREZ MATÉ, M. **Pronombres personales sujeto en el español del Caribe**. Variación e historia, Tesis de doctorado, Valladolid, Universidad de Valladolid, 2013.
- HENRÍQUEZ UREÑA, P. **El español en Santo Domingo**. Casa editora Coni, Buenos Aires, 1940.
- _____. **Observaciones sobre el español de América**. Revista de Filología Española, n 8, p. 357-390, 1921.
- LIPSKI, M. J. **El español de América**. Madrid, Cátedra, 1996, 446 p.
- LOPE BLANCH, J. M. **Estudios de Lingüística Hispanoamericana**. México, UNAM, 1989.
- MIOTO, C.; SILVA, M. C. F.; LOPES, R. E. V. **Novo manual de sintaxe**. Florianópolis: Insular, 3^a ed, 2007, 280 p.
- PINTO, Carlos Felipe. Qué español enseñar en Brasil en el contexto de la integración latinoamericana. In: Graciana Vázquez Villanueva. (Org.). Gobernanzas para una política de la solidaridad en América Latina. 1ed. Buenos Aires: Editora de la Facultad de Filosofía y Letras de la Universidad de Buenos Aires, 2020, v., p. 197-216.
- _____. Los criterios sintácticos en la división del español. In: PINTO, C. F; IRALA, V. B (Orgs.) **Um dossiê de estudos linguísticos hispânicos**. São Paulo: Casa do Novo Autor, 2009. P. 61-97.

PRESEEA: Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá. Disponível em:
<http://preseea.linguas.net/>.

RIBEIRO, A. C. A realização do sujeito pré-verbal em orações não finitas no espanhol caribenho. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2019.

RONA, J. P. **El problema de la división del español americano en zonas dialectales.** *PFLE*, 1964, p. 215.

STANLEY, S. P. El problema de las variedades del español americano en la quinta zona lingüística según la clasificación de Henríquez Ureña. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal da Bahia, 2016.

TORIBIO, A. J. Setting parametric limits on dialectal variation in Spanish. **Lingua**, v. 10, p. 315-341, 2000.

VANDERMEULEN, N. **El pronombre personal sujeto en el español caribeño.** Un estudio comparativo entre el puertorriqueño y el venezolano. Tesis de maestría, Universidad de Gante, 2011.

ZAGONA, K. **Sintaxis generativa del español.** Trad. Heles Contreras e Conxita Lleó. Madrid: Visor Libros, 2006.